



Partido dos Trabalhadores

ABERTURA

SEMINÁRIO NACIONAL DE ECOLOGISTAS DO PT

Nos dias 7, 8 e 9 de junho de 1988, realizou-se no Instituto Cajamar, em São Paulo o Seminário Nacional de Ecologistas do PT. O Seminário teve um caráter preparatório para a I Reunião Nacional de Ecologistas Petistas, que acontecerá em São Paulo, nos dias 12, 13 e 14 de agosto de 1988.

Por sugestão da comissão organizadora foi discutida, à nível introdutório, a seguinte pauta:

1. A Ecologia e o PT - Eurides Mescolotto

- 1.1. A concepção da questão (teoria);
- 1.2. A política desenvolvida/situação atual;
- 1.3. Perspectivas dos trabalhadores (Maurício Waldman);

2. O PT e o Movimento Ecológico

- 2.1. A política com os movimentos sociais (especialmente os alternativos);
- 2.2. A relação do PT (a participação dos petistas) no Movimento Ecológico (das campanhas até a constituinte) - Paulinho;
- 2.3. Plano de lutas para o movimento;

3. A Organização dos Ecologistas no Interior do PT (Tarefas)
Gregol

- 3.1. 1a. Reunião Nacional;
- 3.2. Sub-secretaria;
- 3.3. Encontro Nacional;
- 3.4. Inserção nas instâncias

4. A Política do PT (para o próximo período)

- 4.1. Pontos (sugestões programáticas);
- 4.2. Regulamentação constituinte (Vitor Buaiz)
- 4.3. Constituintes Estaduais, Legislação Ordinária, Lei Orgânica dos Municípios;



Partido dos Trabalhadores

.2.

4.4. Eleições Municipais;

4.5. Eleição Presidencial (PAG).

Resolveu-se inverter os itens 3 e 4 e o item 2.3. seria discutido junto ao item 4.1. O Secretário Nacional de Movimentos Populares, o companheiro Mescolotto, resaltou que a Direção Nacional decidiu dar prioridade aos movimentos populares dentro da estrutura e organização do Partido, pois reconheceu que o PT deve incorporar a atuação nas lutas populares, de forma mais efetiva, não só a ecologia, como também a luta contra o racismo, o Movimento Feminista, os Direitos Humanos e outros.

Colocou-se que, quanto à questão ecológica, o PT a encarava como uma luta mais para países europeus, que no Brasil era essencial priorizar as lutas gerais dos trabalhadores (salários, jornada de trabalho, etc.) na perspectiva de construção do socialismo.

Para ele, houve um salto qualitativo neste ponto com uma maior sensibilidade para com a questão ecológica, e foi mais longe, disse que ela resgata a essência e os princípios petistas que nortearam o processo de criação do PT, ou seja, uma nova forma de se pensar e fazer a política, resgatando a originalidade do projeto petista.

Mescolotto ressaltou ainda que não há nada mais anti-capitalista do que lutar pela vida. No seu entender, o V Encontro Nacional do PT, em dezembro de 87, avançou no sentido de que numa reformulação da estrutura da Secretaria Nacional de Movimentos Populares, abrindo um espaço direto para atuação, criou-se a Sub. Secret. de Ecologia.

A partir da realização do Seminário e com o I Encontro Nacional estabelecer-se-á um marco histórico nas ações do PT, de maneira mais organizada na questão ecológica.

O PT E A ECOLOGIA (UMA ABORDAGEM TEÓRICA)Uma Nova Visão Do Mundo

Ainda que os problemas ecológicos só tenham atingido um ponto crítico no contexto da modernidade, sua origem remonta as origens da cultura.

O desenvolvimento da civilização humana baseia-se na dimi-



nação do homem sobre as forças da natureza, de cuja relação extraem-se as condições materiais da existência.

É na forma de apropriação e destinação dos recursos naturais que se origina a atual crise ambiental cujos níveis de degradações ameaçam o conjunto da vida no planeta. Desse contexto, e da dimensão da ameaça de destruição generalizada da vida na Terra, que se coloca o vértice filosófico-fideológico do ecologismo como nova visão de mundo, como prática e teoria política.

O advento da Revolução Industrial como apoteose desse processo de "dominação" sobre a natureza, associada ao estabelecimento do modo de produção capitalista, trouxeram-nos ao ponto em que estamos. Em pouco mais de um século conseguiu-se atingir um nível de destruição da natureza, maior do que toda a história da humanidade até então.

A partir daí é que surge a necessidade do questionamento radical de todos os valores que regem os modos de vida e de produção estabelecidos pelo homem sobre a face do planeta, questionamento es se do qual não escapam, o capitalismo é também o chamado socialismo real.

Ecologia Luta de Classes E Divisão Internacional do Trabalho

O discurso ideológico dominante tenta fazer crer que a responsabilidade e as consequências da crise ecológica dizem respeito ao conjunto da humanidade.

No entanto, um olhar mais atento irá mostrar que as coisas não são bem assim. Da mesma maneira que estabeleceu a chamada divisão internacional do trabalho como forma avançada de exploração das classes trabalhadoras, o capital apoia-se nela distribuindo desigualmente os prejuízos causados pela destruição da natureza.

O crescimento do movimento ecológico nos chamados países desenvolvidos tem levado o capital internacional a transferir para o 3º mundo as indústrias altamente poluidoras, onde, além da mão de obra barata, encontram uma legislação ambiental menos rígida, governos mais fáceis de corromper e movimentos sociais menos articulados. Permanecem em seus territórios apenas as indústrias de processamento de matérias primas e de produção de tecnologias de ponta, ambas com



índices de poluição significativamente mais baixos.

No âmbito das sociedades nacionais, é claramente perceptível que os problemas decorrentes da apropriação privada dos meios de produção e do produto do trabalho geram uma produção estratificada dos "prejuízos" ecológicos, conforme as classes sociais. Basta vermos quem é de fato prejudicado pelos graves problemas ecológicos que atingem nossa sociedade: poluição nos locais de trabalho e moradia; altos níveis de insalubridade e falta de segurança no trabalho; esgotos à céu aberto e lixões urbanos; péssimas condições de saúde e atendimento médico das populações rurais e da periferia dos grandes centros urbanos, contaminações e morte de trabalhadores rurais por agrotóxicos, expulsão de grandes contingentes populacionais no campo para construção de barragens e outros projetos faraônicos; êxodo rural provocado pela agricultura capitalista; contaminação generalizada do ar, água, solo e alimentos.

Torna-se claro o flagrante equívoco de significativas parcelas da esquerda que caracterizam a luta ecológica como não sendo do interesse da classe trabalhadora.

Cabe, portanto, a todos os petistas em especial aos ecologistas do PT avançar na construção de uma proposta ecológica na perspectiva dos trabalhadores, e que chamamos ECO-SOCIALISMO.

Ecologia e Economia

Embora carecendo de uma análise mais detida as informações que temos nos indicam que o nível de dilapidação dos recursos naturais na economia dos países do socialismo real é inferior aos de economia capitalista. A economia planejada a partir de demandas efetivas é efetivamente menos predatória do que a anarquia da produção movida pela concorrência e pelo lucro, motores econômicos capitalistas.

No entanto, não se deve entender com isso, que a forma de apropriação da natureza no socialismo real seja qualitativamente diferente da capitalista. Uma indústria química na URSS polui tanto quanto suas similares nos EUA. Em alguns casos os problemas ecológicos na URSS podem ser tão ou mais graves do que nos países capitalistas. A política nuclear soviética é um exemplo disso, como pu-



demos ver com o acidente de Chernobyl e pela quantidade de artefatos bélicos nucleares existentes em seu território.

Ecologia e Crise do Marxismo

A emergência do ecologismo como nova visão do mundo insere-se num contexto de crise do marxismo. O economicismo e a interpretação dogmática e a história do materialismo histórico predominantes na esquerda brasileira e ocidental, fizeram-na incapaz de entender e dimensionar corretamente os problemas colocados pela chamada questão ecológica.

Numa primeira análise pudemos detectar nos seguintes pressupostos, a origem dessa incapacidade: a fé inabalável no crescimento ilimitado das forças produtivas e na inesgotabilidade dos recursos naturais; na capacidade infinita da absorção de detritos pelo ambiente; na crença absoluta no desenvolvimento da ciência e da técnica como instrumentos de dominação da natureza e como mediadores das relações sociais; e assim por diante.

Todos esses, diga-se de passagem, pressupostos filosóficos do mais puro positivismo e cartesianismo que os pretensos marxistas dizem (?) combater.

Eco-Capitalismo

Até aqui, pudemos observar que a chamada "questão ecológica" colocou-nos diante de contradições para as quais os esquemas teóricos tradicionais são insuficientes como instrumento de análise. Diante desse quadro, é fundamental observar e compreender as maneiras pelas quais o capital internacional detecta e busca responder a estas contradições através de suas diferentes formas de expressão política.

Os principais organismos internacionais, através dos quais expressam-se politicamente os interesses do capital, tem perfeitamente clara a dimensão da crise ecológica que ameaça o planeta, bem como tem claro o significado político da penetração da consciência ecológica na opinião pública à nível internacional.

Ao contrário do que poderia deduzir o raciocínio vulgar, a



resposta à essa situação não é o confronto. As táticas adotadas buscam a articulação de um discurso e de uma prática que se expressam no interior do movimento ecológico, buscando demonstrar ser possível uma sociedade ecologicamente viável nos marcos do sistema capitalista. É a que definimos como sendo a corrente ECOCAPITALISTA no movimento e que, de forma diferenciada, tem expressão política em quase todos os países onde existe o ecologismo como movimento social organizado e onde o capital se apresenta nas suas formas mais modernas.

No Brasil, o deputado constituinte Fábio Feldman (ex-PMDB, atual PSDB) é o expoente máximo dessa corrente. Valendo-se de um discurso ecológico social-democrata; e de sua atuação como competente advogado ambientalista, o deputado tem vínculos explícitos com grandes empresas de capital nacional e internacional através da Fundação Pró-Natureza (FUNATURA), da qual é conselheiro científico. Esta Fundação constituída às vésperas das eleições para a Constituinte é mantida por "benfeitores" que encontram-se na lista dos principais inimigos do movimento ecológico no Brasil, tais como: Dow Produtos Químicos Ltda, Papel e Celulose Klabin, Associação Nacional dos Fabricantes de Defensivos Agrícolas (ANDEF), Aracruz Celulose S/A, Companhia Brasileira de Cartuchos e Munições (CBC), Ripasa S/A, entre outros.

As características da atuação política de Fábio Feldman que tem vínculos orgânicos com o movimento social e suas lutas, através de uma entidade chamada OIKOS e da Fundação SOS Mata Atlântica, não pode ser generalizada para o conjunto dos capitalistas brasileiros. Estes em geral possuem uma relação marginal com o movimento e nas organizações, priorizando a atuação no interior das agências estatais para o meio ambiente e na ocupação de espaços nos meios de comunicação de massas. Seu discurso caracteriza-se pela despolitização das contradições relativas à questão ecológica, possuindo grande penetração na opinião pública, principalmente nos setores da classe média culta, sensíveis ao apelo ecologista.

A Construção do Socialismo Ecológico

A luta ecológica no terceiro mundo e, especialmente em um país com as características do Brasil, assume um significado e uma importância que exigem uma discussão específica, principalmente para quem se posiciona numa perspectiva de transformação social a partir dos interesses e do ponto de vista dos trabalhadores.

Antes de mais nada, é preciso ter-se bem claro que a ameaça de destruição da vida no conjunto do planeta Terra é uma realidade de concreta e não apenas um discurso alarmista e apocalíptico de cientistas e ecologistas.

A partir daí, é necessário entender o lugar e o papel jogado pelo Brasil nesse quadro, do ponto de vista das estratégias geopolíticas do capitalismo transnacional (divisão internacional do trabalho), relacionados com as contradições ecológicas, culturais, sociais, políticas e econômicas que se manifestam no interior de suas "fronteiras" nacionais.

A construção de uma sociedade socialista e ecologicamente viável tem que, necessariamente, responder a essas contradições a partir de como elas se manifestam na realidade concreta. Isso só é possível se superarmos os limites dos esquemas teóricos tradicionais, em geral aplicados de forma mecanicista e dogmática, em realidades bastante distintas daquelas em que essas teorias foram formuladas.

Não se trata apenas de substituir os gerentes do poder e modificar o modo de produção. Para, além do capitalismo e do socialismo real, precisamos conceber uma nova visão de mundo partindo da transformação imediata das práticas cotidianas (modo de vida), de forma articulada com o projeto global de sociedade. Buscando responder ao conjunto das contradições colocadas pela realidade concreta. É um caminho para o qual não existem receitas prontas e que nos expõe dúvidas, interrogações e grandes desafios.

Por exemplo:

O que e como seria um modelo de desenvolvimento que não seja a negação do progresso e da tecnologia, e que ao mesmo tempo, não seja a reprodução do que nos oferece o capitalismo e o socialismo real?

O que significa o conceito de eco-desenvolvimento e como



ele pode se articular com um Projeto de Socialismo Ecológico?

O que são tecnologias de baixo impacto ambiental?

O que é agricultura ecológica?

O que são fontes alternativas de energia?

Qual a relação entre fontes e formas de geração de energia e a gestão do poder em uma sociedade?

Qual a relação entre as formas de ocupação e organização do espaço geográfico (urbano e rural) e a questão da exploração econômica e da dominação política?

Enfim, por aí podemos ir longe na busca de caminhos alternativos para a construção do que chamamos Socialismo Ecológico. Pelos rumos tomados nas discussões desse I Sem. Nac. de Ecologia do PT, conseguimos delinear pontos mínimos de identidade quanto ao que entendemos por Ecologia na Perspectiva dos Trabalhadores e quanto aos caminhos que temos pela frente como ecologistas do Partido dos Trabalhadores. Resta-nos conferir esse potencial e, principalmente, a real disposição dos diferentes setores e correntes do Partido de abrirem-se para os debates dessas idéias e para a militância orgânica dos ecologistas no seu interior.

O PT E O MOVIMENTO ECOLÓGICO

O movimento ecológico emerge como movimento social no Brasil em um contexto determinado e sob circunstâncias bastante similares aos que deram origem ao surgimento do novo sindicalismo, das comunidades eclesiais de base, dos movimentos de mulheres e negros e tantos outros que emergiram nas últimas décadas em nosso país e que buscaram expressão política no PT.

De forma sucinta podemos dizer que são os seguintes os fatores específicos que o impulsionaram:

"1. O caráter fortemente internacionalizado do movimento ecológico mundial devido ao caráter planetário da degradação sócio-ambiental produzida nas últimas quatro décadas;

2. O fato do Brasil ser um país ascendente do Terceiro Mundo, com forte internacionalização de seu sistema produtivo e de comunicações;

3. A intensidade da degradação sócio-ambiental produzida nas últimas quatro décadas, contrapartida do extraordinário crescimento econômico e consequente ascenso no sistema mundial;

4. O caráter excessivamente predatório (mais que a média mundial) da visão de mundo e das políticas implementadas pelas elites do regime autoritário (1964-1985);

5. A profunda crise em que mergulhou a esquerda brasileira depois da fracassada experiência guerrilheira (1968-1973), crise esta que por sua vez vincula-se com a crise geral do marxismo no interior da esquerda ocidental;

6. O processo de transição democrática, iniciado com a liberalização (a partir de 1964) e continuado com a democratização (a partir de 1982) criou um contexto sócio-político cada vez mais favorável para a organização de movimentos sociais e para o debate de novas idéias." (Eduardo Viola - cientista político)

Construindo-se no período da ditadura militar em que os canais de participação estavam fechados e politizando-se em meio a crise das esquerdas o movimento ecológico busca formas próprias de organização e ação. Expressa-se nitidamente em seu interior a negação ao paternalismo, ao populismo, ao mecanicismo marxista e ao vanguardismo iluminado.

No Brasil, como nos demais países em que existe, convivem em seu interior basicamente quatro correntes: os fundamentalistas, os realistas, os ecocapitalistas e eco-socialistas.

A negação de práticas políticas tradicionais gerou uma resistência muito grande à criação de formas mais amplas de organização, o que por um lado tem um aspecto positivo, que é o sentimento anti-burocrático, mas, por outro lado, tem dificultado um crescimento qualitativo das formas de atuação, desafio que terá de ser respondido dado o nível de politização a que atingem. Essa resistência expressa-se também em relação à política partidária, o que nos remete a uma discussão específica sobre a questão da relação



Partido dos Trabalhadores

.10.

movimento/partido. É fundamental que os ecologistas do PT tenham clara a questão da autonomia do movimento e das formas de atuação da militância partidária no interior das suas entidades e instâncias, caso contrário, poderemos estar fechando nossos próprios espaços de atuação.

O trabalho da militância ecologista petista dirige-se para duas frentes: uma delas em relação ao movimento ecológico como movimento específico, cujas bases sociais compõe-se fundamentalmente da juventude de classe média, e a outra que deve se dirigir à classe trabalhadora e aos movimentos populares marcados pelo economicismo de suas lutas, sem ter o acesso às informações e à consciência ecológica. O PT, por suas características e bases sociais constitui-se em espaço privilegiado para esse trabalho. É necessário demonstrar que a questão ideológica não se restringe ao conservacionismo e que na realidade ela se relaciona com os interesses fundamentais da classe trabalhadora, devendo, conseqüentemente, expressar-se no conjunto das políticas e propostas do partido. Entendemos com isso que devemos evitar a corporativização e o isolamento da militância e do debate ecológico no interior do PT.

Como ecologistas, temos importantes contribuições a dar em temas como ambiente de trabalho, saúde do trabalhador, reforma agrária, alimentação, transportes, espaço urbano, planejamento e gestão do poder local etc...

A criação de organismo do partido para construção e implementação da Política Ecológica do PT (núcleos, comissões, secretarias etc) deve responder as especificidades e realidades do movimento e do próprio PT em cada município, estado ou a nível nacional, sempre tendo clara a transversalidade da questão ecológica e a necessidade de ecologização do conjunto do partido.

Há ainda um outro aspecto importante a ressaltar: o PT entra atrasado nesse terreno. Isso significa que teremos que recuperar os espaços perdidos que levaram e ainda levam uma sangria de quadros que, não encontrando receptividade no partido estão aderindo ao PV ou abandonando a militância partidária.

No entanto, os vínculos dos ecocapitalistas com o Estado e o capital privado nacional e internacional, bem como a indefinição dos contornos ideológicos do PV e as práticas personalistas e autoritárias de algumas das suas principais lideranças devem contar a nosso favor na luta pela reversão desse quadro.

A construção de uma forte corrente eco-socialista no interior do movimento ecológico e a construção da Política Ecológica do PT deverão a curto prazo provocar uma mudança qualitativa em ambos; movimento e partido.

SOBRE A POLÍTICA ECOLÓGICA DO PT PARA O PRÓXIMO PERÍODO

O ano de 1986 teve um significado específico para a sociedade brasileira em geral e para os movimentos sociais em especial. Ainda que de forma limitada, a possibilidade de mudar a Constituição proporcionou um amplo processo de mobilização e debate no interior da sociedade, cujos diferentes setores se puseram em movimento, em defesa de seus interesses. Esse processo, mesmo que limitado pelos parâmetros institucionais, significou a possibilidade do questionamento global da sociedade e suas regras. Em função disso, ocorreu uma onda de politização no interior dos movimentos sociais.

O movimento ecológico viveu essa experiência de forma específica, tendo sido catalizado seu processo de politização. Concretizou-se uma inversão radical no interior do movimento que, desde sua origem nos anos 70, caracterizou-se pela negação e resistência à ação política. A tendência crescente à participação política iniciada no começo dos anos 80 culminou em 86, quando a maioria do movimento jogou-se na ação política.

Sem entender esse processo, o conjunto dos partidos (incluindo o PT), deixaram aberto um "vácuo político", oportunamente ocupado pelo grupo de Fernando Gabeira com a criação do PV.

No entanto, essa iniciativa não foi suficiente para aglutinar em seu interior o conjunto heterogêneo e fragmentado das posições políticas que compõe o movimento à nível nacional.

A forma encontrada pelos ecologistas para dar vazão ao anseio de expressão política foi a criação da chamada LISTA VERDE. Foi criada a Coordenação Interestadual de Ecologistas para a Constituinte (CIEC) que coordenou o processo de composição da LISTA VERDE em caráter transpartidário, a partir das indicações vindas do próprio movimento e do compromisso com uma plataforma mínima por parte dos candidatos. Cerca de 50% dos candidatos indicados, entre deputados estaduais, constituintes, senadores e governadores; eram petistas.

Curiosamente, isso não expressava a realidade da militância ecologista no interior do PT que, salvo raras exceções, não encontrava espaço para que o trabalho feito no movimento tivesse expressão política orgânica no Partido.



A inexistência de uma Política Ecológica na Perspectiva dos Trabalhadores, tarefa que cabe aos petistas construir, refletiu-se na Constituinte, onde o deputado Fábio Feldmam (ex-PMDB, atual PSDB), coordenando a chamada Frente Verde, conseguiu monopolizar a elaboração da nova legislação ambiental. Principal liderança da corrente chamada ecocapitalista, Fábio Feldmam ocupou os espaços abertos, consolidando sua liderança no movimento que extrapolou as fronteiras de São Paulo.

O aparente consenso sobre a nova legislação ambiental, na realidade esconde a ausência do mundo do trabalho no texto constitucional abordado na perspectiva dos trabalhadores. Entretanto, a nova legislação ambiental brasileira está entre os mais modernos e avançados do mundo capitalista. Resta aos petistas estudá-la mais detidamente para potencializar seu uso a serviço do movimento social.

Um dos principais problemas da nova legislação ambiental tem origem em um erro grave do deputado Fábio Feldmam que, ao apostar na vitória do parlamentarismo, depositou nas mãos da união e do poder público o dever de defender o meio ambiente. Além disso, o novo texto dá a entender que o meio ambiente é patrimônio público, quando na realidade ele é apropriado de forma privada. Os petistas devem ter claro quais são os limites e as brechas possíveis de serem explorados na elaboração da legislação ordinária, bem como nas Constituintes Estaduais e Municipais, de forma a garantir minimamente os interesses dos trabalhadores.

As próximas campanhas eleitorais apresentam-se como uma oportunidade única para reverter a lacuna deixada pelo PT nessa área nas eleições para a Constituinte. Para isso é fundamental que o Partido crie vínculos concretos com o movimento ecológico através da ação organizada de seus militantes, bem como contemple a questão ecológica na imagem a ser vinculada pelos meios de comunicação de massa.

A proposta eco-política do PT deve se apresentar de forma generalizada no conjunto da Plataforma Eleitoral e na sua propaganda, de forma a evitar a corporativização do ecologismo no Partido. É necessário que o conjunto do PT discuta e assimile a questão ecológica, ao invés de compartimentalizá-la de forma isolada como se ela interessasse apenas aos militantes do movimento ecológico que atuam no Partido.



Pesquisas de marketing das principais empresas de comunicação do país tem demonstrado que a depredação do meio ambiente está entre as principais preocupações da população brasileira, principalmente nos grandes centros urbanos, equivalendo-se aos problemas de transporte, educação, saúde e segurança.

Cabe ao PT responder a essa demanda da opinião pública, demonstrando que a ecologia perpassa o conjunto das propostas e da visão de mundo que defendemos, bem como fortalecer a atuação dos ecologistas do Partido no interior do movimento social.

AS TAREFAS DOS ECOLOGISTAS NO PT E NO MOVIMENTO

1. A realização da I Reunião Nacional dos Ecologistas do PT, em agosto de 1988, com caráter indicativo e com a finalidade de dar início à construção da Política Ecológica do Partido;

2. A publicação de um livreto contendo a íntegra da nova legislação ambiental, comentada e com orientações para seu uso pelo movimento e pelos petistas, e com um texto em linguagem simples e acessível, expondo o ponto de vista do partido para a questão ecológica;

3. Criação de uma assessoria na área ambiental para a Bancada Federal e DN, capaz de alimentar ambos e, eventualmente, outros organismos e instâncias do Partido, com respostas políticas e técnicas para os problemas ambientais e do movimento ecológico;

4. Levantamento dos principais problemas ecológicos do Brasil;

5. Elaboração de um documento único que subsidie as campanhas eleitorais a nível municipal e também a campanha presidencial;

6. Atuação privilegiada junto às candidaturas majoritárias e através de candidaturas de ecologistas do PT aos legislativos municipais como forma de propagandear o ecologismo no interior do Partido e na opinião pública.